Paulo do Carmo Martins

40 ANOS!

Em outubro de 1976, quando foi criada a Embrapa Gado de Leite, o Brasil era o quarto maior importador de leite do mundo. Quatro décadas depois, somos o quarto maior produtor mundial. Produzíamos cerca de 8 bilhões de litros de leite para 110 milhões de brasileiros. Agora, produzimos mais de 36 bilhões de litros para 210 milhões. Portanto, em 40 anos, a produção de leite quadruplicou e a disponibilidade para cada brasileiro duplicou.

O consumidor paga hoje 40% do que pagava pelo leite em 1976. A Embrapa participou desta mudança de maneira decisiva, gerando e adaptando tecnologias para a produção de leite nos trópicos. Contribuímos para o melhoramento genético animal e vegetal, saúde animal, nutrição, manejo, além de aportar soluções para a gestão das propriedades, e contribuímos na formulação de políticas públicas.

Não seremos um campeão na exportação de lácteos nos próximos 10 anos, exatamente por termos um mercado interno a explorar

Nos anos 70, a produtividade de uma vaca boa era de 5 litros/dia. Quando a Embrapa decidiu criar uma fazendinha com gado mestiço, os pesquisadores da época propuseram uma meta de 10 litros/vaca/dia para animais chamados meio-sangue. Esta fazendinha foi criada numa área de 100 ha, com 25 vacas que produziam 250 litros de leite por dia. Ali continha o melhor da tecnologia disponível para a região da Mata Atlântica do Brasil. Vale lembrar que os animais disponíveis eram de dupla aptidão, ou seja, produziam leite e carne com baixíssima produtividade em ambos.

Hoje, essa fazendinha não é mais modelo em termos de melhor desempenho. Mas a produtividade do gado que está ali é de 15 litros/vaca/dia, com produção de 1.800 litros/dia em 75 ha. Portanto, dos anos 70 para cá, a produção ali cresceu sete vezes, a produtividade por vaca duplicou, o espaço é 25% menor e suporta quatro vezes mais vacas. Isso dá a magnitude da transformação ocorrida na atividade leiteira, em quatro décadas.

Em 2009, a influente revista inglesa *The Economist* afirmou que o Brasil havia decolado. Em 2013, esta revista reviu sua posição e concluiu que havíamos perdido o rumo. Particularmente, entendo que a verdade não se encontra em nenhum dos dois extremos, como preconiza São Tomás de Aquino. Penso que nunca decolamos efetivamente, mas também não explodimos.

Vivemos, sim, um breve período em que acreditamos que era possível gastar sem consequências. Agora, é chegado o momento do ajuste de contas inadiável. Toda crise nos faz repensar nossas práticas e buscar oportunidades. Esta crise atual tem cumprido o papel de mostrar nossas gorduras, nossas ineficiências. O Brasil, o setor lácteo e a Embrapa sairemos da crise revigorados e fortalecidos.

Quem se dedica ao setor lácteo sabe que somente faz sentido pensar em médio e longo prazo. Então, não é a conjuntura complexa que deve ser motivo para desânimo. Está ocorrendo uma revolução silenciosa na atividade. Nos últimos sete anos, a produtividade do setor de produção de leite cresceu 23%. Um número excepcional! Por outro lado, nosso consumo *per capita* é a metade do consumo europeu. Então, temos uma perspectiva de crescimento razoável, e ainda será possível gerar muito emprego e renda com leite e derivados.

É por isso que produtores e laticínios estrangeiros estão vindo para o Brasil. Mas estamos chegando próximo da saturação do consumo de leite fluido. Em longo prazo, iremos crescer nos derivados, especialmente no queijo. Particularmente, penso que não seremos um campeão na exportação de lácteos nos próximos 10 anos, exatamente por termos um mercado interno a explorar.

Mas o Brasil precisa participar do mercado internacional por dois motivos. O primeiro é que isso gera experiência. Quando vamos para o mercado externo somos levados a cuidar melhor da qualidade do leite, ao mesmo tempo em que forçamos a redução de custos. Isso só é possível com incremento de tecnologia. O segundo é que o mercado externo cria uma válvula de escape contra as pressões vindas do varejo, que estão ficando insuportáveis. Há dez anos um supermercado tinha no leite um chamariz para a venda de outros produtos com melhores margens. Hoje, no faturamento do varejo, pelo menos um a cada quatro reais já vem do leite. Isso tem colocado em risco a indústria nacional e os produtores.

Iniciamos na quarta Revolução Industrial, a da internet das coisas. O petróleo está deixando de ser fonte energética antes que acabe, e isso muda tudo. As máquinas estão inteligentes e já tomam decisões. Por meio de sensores, hardwares e softwares, já estão surgindo soluções via pecuária de precisão e ferramentas que forneçam ao produtor mais certeza e agilidade na tomada de decisões.

Também estamos gerando soluções em termos de melhoria genética animal e de pastagens, como a genômica. Novas soluções sustentáveis estão surgindo, visando à saúde e ao conforto do animal, nova destinação de resíduos e tecnologias que poupam água. O negócio da Embrapa Gado de Leite continua a ser antecipar o futuro, construindo-o no presente. Portanto, ao completar 40 anos nesta semana, temos a consciência de que os próximos quarenta anos já começaram. E, se depender de nós, da Embrapa, serão os melhores! ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

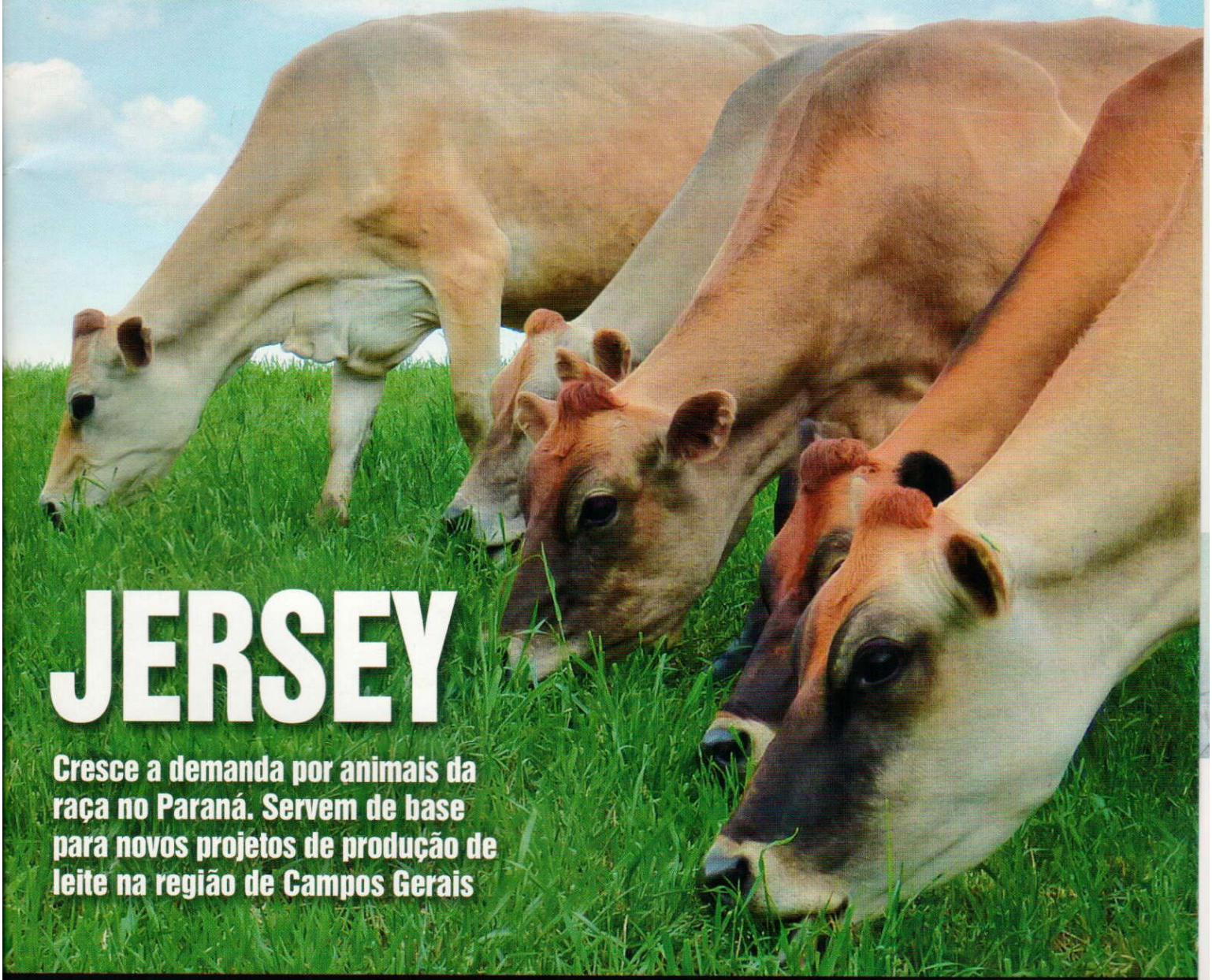
MIGUEL PAULÓN, DA CIL: COTAS NÃO COMBINAM COM MERCOSUL

BALDE BRANCO

troféu AGROLEITE

11 vezes indicada como a melhor revista do setor leiteiro

Ano 52 - número 625 - novembro 2016 - R$ 10,50 - www.baldebranco.com.br



JERSEY

Cresce a demanda por animais da raça no Paraná. Servem de base para novos projetos de produção de leite na região de Campos Gerais

Compost barn é um sistema que veio para ficar?

Primeira lactação: prova dos acertos em ganho genético

Capim-elefante: Embrapa lança uma nova cultivar